

RESENHA:

Nelson Aprobato Filho¹

A Milenar História da Exploração do “Ouro Branco” Africano

John Frederick Walker. *Ivory's ghosts: the white gold of history and the fate of elephants*. New York: Atlantic Monthly Press, 2009.

O historiador John Lewis Gaddis, em seu livro *Paisagens da História. Como os historiadores mapeiam o passado* (Trad. Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003), sugere uma postura teórico-metodológica bastante promissora. O autor faz referência ao que Marc Bloch e Edward Hallett Carr já haviam previsto, em meados do século XX, “alguns desenvolvimentos nas ciências físicas e biológicas aproximaram essas disciplinas do trabalho realizado ao longo do tempo pelos historiadores.” Em outras palavras, eles acreditavam na “convergência do método histórico com aqueles das ciências chamadas exatas” e naturais. Além de demonstrar, de forma muito clara, várias dimensões dessa convergência – tratando de temas que vão da teoria da evolução às teorias do caos e da complexidade – Gaddis afirma de maneira bastante inovadora e provocativa que o trabalho do historiador pode beneficiar-se, em várias dimensões, do trabalho realizado em áreas comumente vistas como distanciadas da pesquisa histórica.

Os historiadores que lerem o novo livro de John Frederick Walker, principalmente os pesquisadores interessados em África, provavelmente concordarão com Gaddis, Bloch e Carr. Walker é um conservacionista norte-americano e jornalista especializado em história natural que pode oferecer importantes dados históricos e inúmeras chaves interpretativas. Desde 1986 ele tem viajado, feito reportagens e desenvolvido importantes projetos em diversos países africanos. Seus textos têm aparecido no *The New York Times*, *National Geographic Traveler*, *Africa Geographic*, *Wildlife Conservation* e numerosas outras publicações. O autor passou os primeiros meses do ano de 2009 em uma turnê pelos Estados Unidos, fazendo conferências, seguidas de discussão, para o lançamento de seu último livro. Entre outras prestigiosas instituições norte-americanas de pesquisa, Walker iniciou suas conferências no *American Museum of Natural History* de Nova York, passou pelo *Harvard Museum of Natural History*, em Cambridge, pelo *Houston Museum of Natural Science*, pelo *Denver Museum of Nature & Science* e, finalmente, pelo *Los Angeles Zoo*.

¹ Pós-doutorando em História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Ivory's Ghosts. The White Gold of History and Fate of Elephants pode ser lido com grande proveito por especialistas de várias áreas e leigos de díspares interesses. Além de ser fundamental aos biólogos, zoólogos, ambientalistas, conservacionistas e ecólogos, o livro traz grandes e inusitadas contribuições aos profissionais das ciências humanas em geral, particularmente aos historiadores, com ênfase, como não poderia deixar de ser, aos pesquisadores e professores que se dedicam à importante e fascinante história do continente africano. Além de abordar as complexas relações dos homens entre si e destes com os animais, Walker sugere também inúmeros outros caminhos para pensar, a partir de um viés até certo ponto inovador, aspectos da política, da economia, da sociedade, da arte, da música, da escravidão, do trabalho, da África, dos Estados Unidos, do Oriente, etc. Tudo isso construído, de forma bastante competente, a partir de três eixos centrais: o ser humano, o elefante e o marfim.

Walker usou como fontes de pesquisa quatro possibilidades inter-relacionadas: uma seleção bibliográfica; uma série de entrevistas; um conjunto de documentos que, apesar de não extensos, são bastante significativos; e, finalmente, diversas observações pessoais elaboradas durante os treze anos nos quais esteve envolvido em diversas atividades no continente africano. Essas quatro fontes até certo ponto são suficientes para os objetivos do autor e para tratar de uma história que envolve inúmeras e intrincadas relações entre o homem, o elefante e o marfim; uma história que vem se desenvolvendo na face da Terra por 35.000 mil anos. Segundo Walker, o mais antigo objeto de marfim encontrado até hoje foi esculpido nesse período. Portanto, *Ivory's Ghost* é um trabalho de fôlego, panorâmico e com grande poder de síntese.

O objetivo de Walker foi chamar a atenção do leitor para dois grandes problemas que atingem os principais países africanos que produzem e estocam marfim. Para atingir esse objetivo o autor fez uma apurada síntese histórica sobre o tema. O primeiro problema é o difícil equilíbrio entre a proteção dos elefantes e os confrontos existentes entre eles e as populações humanas locais que constantemente vêem suas plantações, suas cidades e suas próprias vidas ameaçadas pela força desses animais. O segundo é, por um lado, a incoerência existente entre a calamitosa pobreza que assola muitas regiões africanas, a caça ilegal de elefantes, o tráfico e o comércio criminoso de marfim e, por outro, os monumentais estoques desse “ouro branco” que se encontram armazenados em parques na África desde que o comércio do produto foi banido por lei no final da década de 1980.

O livro foi dividido em três partes. A primeira, “*Shapes in Tusks*”, abarca um período que vai da Pré-História ao século XVIII, da descoberta do marfim à sua propagação pelo mundo na forma de inumeráveis e requintados objetos de arte e artefatos religiosos. Na segunda parte, “*Ivory under the Sun*”, Walker traça um histórico do processo de industrialização do produto durante o

século XIX e a primeira metade do XX e destaca o que esta transformação custou para a vida humana e principalmente animal. Em *“The Elephant Dilemma”*, terceira parte da obra, encontra-se o principal objetivo do autor: abarcar as décadas mais recentes e demonstrar como se desenvolveu a idéia de que finalmente o elefante se tornou mais importante e valioso do que o tesouro que ele carrega e “fornece”.

O marfim, sugere o autor, tem uma história quase tão antiga como a história do homem e sempre foi cobiçado por sua beleza, cor, escassez e consistência, que possibilita ser delicadamente esculpido. Cada período e cada cultura – dos tempos pré históricos à Roma antiga, Índia, China e Europa medieval; do mundo Muçulmano à América do século XIX; da Inglaterra Vitoriana ao Japão moderno – tem dado ao produto os mais diversificados usos: artísticos, religiosos, simbólicos, decorativos, funcionais, extravagantes, frívolos, etc.

Por tratar de um tempo tão longo, o livro é repleto de importantes informações acerca da milenar história das relações entre o homem e o elefante. Walker relata, por exemplo, que na Antiguidade esses animais eram frequentemente usados em guerras como verdadeiros “tanques bélicos”. Milhares de elefantes, cada um deles tendo espadas amarradas às suas trombas e afiadas pontas envenenadas às suas presas, eram colocados nas frentes de batalha na tentativa de dizimar inimigos. Muitas vezes, os animais é que eram dizimados. Práticas como esta, somadas à exploração constante do marfim, levaram quase à extinção o elefante africano em várias partes do continente. Comenta o autor que por volta do sexto século da era Cristã não era mais possível encontrar um único exemplar desses animais no norte da África.

Conforme a narração avança no tempo, mais claramente percebe-se o “aprimoramento” tanto das técnicas de caça como da produção de objetos de marfim. O que até então representava um consumo pautado pelo tempo da manufatura e da escultura, com destaque para produtos feitos em marfim para fins artísticos e religiosos, com a primeira Revolução Industrial e posteriormente com a revolução científico-tecnológica do final do século XIX houve uma transformação exponencial em todo esse processo produtivo. O marfim entrou em uma escala de produção nunca antes experimentada, tornando-se a matéria-prima principal para fabricação de artigos banais, superficiais, seculares e de uso cotidiano. Objetos os mais supérfluos começariam a ser feitos de presas de elefantes: de carteiras de cigarros a contas para colares, passando por maçanetas para portas, jogos de dominó, castiçais, abridores de cartas, pesos para papéis, próteses médicas, instrumentos cirúrgicos e científicos, etc. O “ouro branco”, sugere Walker, transformou-se assim no plástico de sua época. E não somente industriais, comerciantes, médicos e cientistas apreciavam o marfim. Foi também no início do século XX que se percebeu que o

produto era perfeito para produzir disputadíssimas bolas de bilhar. Jogadores afamados, exigentes e inflexíveis recusaram, por décadas, bolas sintéticas.

Foi a partir de 1839, na região de *Connecticut*, Nova Inglaterra, Estados Unidos, que duas empresas tornaram-se as maiores produtoras mundiais de objetos industrializados de marfim. O processo foi de tal maneira contumaz que vilas foram rebatizadas usando como referência o principal produto da região. Isso aconteceu com o vilarejo de *West Centerbrook*, nas redondezas de *Essex* que, por causa do ramo industrial escolhido por Samuel Merritt Comstock, passou a se chamar *Ivoryton*. Walker afirma que, mesmo sendo em número reduzido, as poucas indústrias norte-americanas que se instalaram tanto em *Ivoryton* como em *Deep River*, processaram, entre 1891 e 1903, quase duzentas e cinquenta toneladas de marfim.

Walker, em seu livro, aponta vários aspectos inusitados dessa longa história. Um deles é a intrínseca relação entre a exploração do marfim africano e a produção de pianos na Europa e Estados Unidos. A maior parte das duzentas e cinquenta toneladas de marfim processadas em *Ivoryton* e *Deep River* entre 1891 e 1903 foi destinada à fabricação de teclas para pianos. Para aqueles que desejarem conhecer um pouco mais da história do piano a partir de sua fabricação, o livro é um excelente trabalho introdutório. Mesmo não sendo seu objetivo principal, Walker insere esse instrumento em um contexto amplo e profundo, e numa perspectiva incomum, pelo menos para a maioria dos leitores e pesquisadores do tema: a história natural. O autor não trata somente de pianos. Apesar da grande importância que receberam, eles ocupam apenas partes dos onze capítulos que formam a obra.

Segundo o autor, no final do século XVIII, em Londres, 454 fabricantes produziam pianos. Entre 1780 e 1800 a empresa britânica *Broadwood and Sons* construiu sete mil desses instrumentos e, a partir do início do século XIX, essa quantidade passou a ser anual. Nos Estados Unidos esse ramo industrial teve início na década de 1820 com Jonas Chickering, comparado a Henry Ford em seu ramo de atividade industrial, tal foi o sucesso por ele alcançado. Em 1852 Chickering produzia dez por cento dos nove mil pianos feitos no país. A partir daí a indústria pianística norte-americana tomaria um fôlego crescente e chegaria ao ápice em 1910, quando seriam lançados no mercado 350.000 pianos, o dobro da produção alemã, o mais próximo competidor dos Estados Unidos.

O negócio tornou-se tão promissor que empresas norte-americanas, como por exemplo a *Arnold, Cheney and Company* sediada em Nova Iorque, estabeleceram entrepostos comerciais para a compra e exportação do marfim em diversos locais da África. O bostoniano Ernst D. Moore foi um dos principais agentes norte-americanos envolvidos neste trabalho. Ele agenciou marfim em Aden, Mombasa e Zanzibar entre 1907 e 1911 e tornou-se um verdadeiro especialista do ramo.

Ossos, cedro, carapaças de tartarugas, dentes de outros animais, madrepérola, porcelana, etc., foram matérias-primas utilizadas na tentativa de produzir a fina película que recobria as teclas de pianos. Porém, percebeu-se que o marfim, por possuir uma sutil porosidade, resolveria, entre outras coisas, uma questão que há muito perturbava e desequilibrava nervosos pianistas. Estes, em apresentações e recitais, constantemente viam seus suados e trêmulos dedos deslizarem incertos e desgovernados por escorregadias teclas feitas, por exemplo, de vidro. O marfim evitava esses desconcertos. Com a nova descoberta, para citar somente o ano de 1913, os Estados Unidos utilizou, sozinho, quase duzentas toneladas de marfim para produzir, principalmente, a fina camada antiderrapante. Duzentas toneladas, em apenas um ano! Portanto, foi no contexto da Primeira e da Segunda Revolução Industrial que o mundo ocidental, particularmente os Estados Unidos, descobriu que a incomparável qualidade da textura do marfim era perfeita para a produção de objetos como as delicadas e antiderrapantes teclas de piano. Walker aponta que até a década de 1980 muitos desses instrumentos eram ainda construídos utilizando esse material. A partir daí iniciou-se uma busca mais enfática para encontrar um substituto. Contudo, foi somente em 1993 que se descobriu um polímero que satisfaria pianistas mais exigentes e tranquilizaria aqueles que fossem mais trêmulos.

Algumas referências e estatísticas apresentadas no livro não deixam de ser profundamente chocantes e as cifras apontadas pelo autor são estarrecedoras. Estimativas recentes apontam que quase quarenta e quatro mil elefantes africanos eram mortos anualmente entre 1850 e 1914. Nesse período, ao menos setecentas toneladas de marfim eram retiradas da África todos os anos. No total, comenta o autor, nesses sessenta e quatro anos, 2.800.000 elefantes foram mortos por causa do insaciável apetite e desejo humano por marfim.

O livro de Walker é repleto de elementos para pensarmos não somente as relações do homem com os animais, particularmente os elefantes, mas também dos homens entre si. *Ivory's Ghosts* oferece, nesse sentido, aspectos importantes para compreendermos, por exemplo, certas nuances da história da escravidão durante o século XIX. Segundo o autor, milhares de escravos foram utilizados no transporte do marfim em várias regiões da África. Era um negócio altamente lucrativo e totalmente indiferente ao esforço sobre-humano necessário para o trabalho, pois cada escravo era obrigado a carregar entre vinte e cinco e quarenta quilos de marfim em percursos que atingiam distâncias superiores a 560 quilômetros. Os comerciantes envolvidos no empreendimento aproveitavam-no em dois sentidos: resolviam o difícil problema do transporte do “ouro branco” e, ao chegarem com ele e com os escravos nos entrepostos de comércio, vendiam ao mesmo tempo os dois “produtos”, o marfim e os escravos.

Como exemplo dos paradoxos e incoerências do ser humano, conforme muito bem aponta Walker em outra importante passagem de seu livro, toneladas de marfim conseguidas na África, à custa da escravidão, tiveram como destino final o berço do movimento antiescravista norte-americano, a Nova Inglaterra. Dois dos mais ferrenhos defensores do fim do trabalho escravo – Julius Pratt e George Read – eram também os dois principais industriais de objetos de marfim e, desde 1863, compravam o produto diretamente dos mercados africanos. Direta ou indiretamente eles foram responsáveis pelo comércio de toneladas de marfim que saíam da África escravizada e iam diretamente para as indústrias da América abolicionista.

A longa história reconstruída por Walker termina em 2007, momento no qual discutia-se a liberação para venda de toneladas de marfim que se encontravam estocadas em inúmeros parques florestais africanos desde que o comércio do produto foi banido em 1989. Grande parte desse marfim, aponta o autor, era proveniente de elefantes que morreram naturalmente. O dinheiro conseguido com a venda desses estoques, sugere Walker, poderia ser revertido para programas sociais em várias regiões da África.

A leitura de *Ivory's Ghosts* ao mesmo tempo esclarece e incomoda, assombra e entristece, sensibiliza e dá esperanças. Ele chama a atenção para conflitos e questões que fazem parte da história da humanidade e que o homem ainda não conseguiu resolver. Conflitos e questões que envolvem arte e religião; preservação e sacrifício; riqueza e pobreza; legalidade e criminalidade; industrialização, comércio e destruição do meio ambiente; e, mais do que tudo isso, conflitos e questões que envolvem as múltiplas e complexas relações dos homens entre si e destes com as outras espécies de vida que ainda os cerca.